

## **O passado como experiência viva do eu no presente: os desafios da memória dividida nos escritos de um apenado**

Charles Lamartine de Sousa Freitas

*Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC/UERN), charles.lamartine@gmail.com*

Ana Lúcia Oliveira Aguiar

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, (UERN), oliveiraaguiarpetro@gmail.com*

José Evangelista de Lima

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), jlima\_psicol@hotmail.com*

Francinilda Honorato dos Santos

*Programa de Pós-Graduação em Educação, (POSEDUC/UERN), nildinhameneses@bol.com.br*

### **Resumo:**

Este artigo ergue-se de um projeto de extensão intitulado *Histórias de Vida em Música, Teatro e Desenho – vozes silenciadas* este artigo intitula-se **O passado como experiência viva do eu no presente: desafios da memória dividida nos escritos de apenados** propõe uma leitura a partir dos textos escritos por quarenta apenados do regime semiaberto masculino de um Complexo Penal Estadual, com o objetivo de compreender os desejos, as escolhas e as oportunidades do passado repercutindo no presente. Utilizaremos como metodologia as interpretações das narrativas escritas na dimensão de sua reflexiva autoformativa. Aponta a visão de superação das barreiras enfrentadas no cotidiano das suas histórias de vida antes e no tempo da prisão como transformadores levando a oportunidade de ressocialização. As memórias e identidades do passado, marcadas em suas histórias de vida, registradas em seus textos escritos e refletivos em suas narrativas permitem considerar a pertinência do salto qualitativo para pelo caminho do exercício da dizer, falar, purgar e a relevância das histórias de vida como lugar de aprendizagens formativos.

Palavras-chave: Histórias de Vida, Passado, Presente, Subjetividades, Apenados.

### **Introdução**

O projeto intitulado *Histórias de Vida em Música, Teatro e Desenho - Vozes Silenciadas* proposto pela Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN), tendo como equipe executora alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN é um ação que vem sendo realizada, uma vez por

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

mês, desde setembro de 2015, somando até hoje vinte e cinco ações, quando do lançamento pelo Ministério Público de Mossoró, chamado Projeto ReFaz, com a parceria da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, através da Pró-Reitoria de Extensão/UERN (PROEX). Objetiva trabalhar a construção de saberes e fazeres na perspectiva da ressocialização através do aprendizado da música, do exercício do teatro e do desenho. É um projeto como uma prática que busca promover a recuperação do detento no convívio social, considerando a Lei de Execução Penal e seus dois eixos: punir e ressocializar.

Fundamenta-se na busca pela (auto) formação, autonomia e independência dos sujeitos apenados, em seu lugar de vivência, pela troca de experiências e compartilhamento do seu saber/fazer, motivados pela verticalização de ações no mote Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão. Trabalhamos com as narrativas (auto) biográficas, desenhos, peças teatrais, histórias de vida de apenados, em rodas de conversas. Compreendemos que é preciso a viabilização de ações e políticas voltadas para a diversidade e inclusão instigando a construção das dimensões da vida de sujeitos apenados para a (re) socialização e o olhar para além do crime. Implica em ações com a visão para a diversidade e a inclusão de sujeitos privados de liberdade, considerando a responsabilidade da academia com sua prática para além dos muros.

A Ação intitulada Histórias de Vida em Música, Teatro e Desenho- vozes silenciadas proposto pela Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas, em conjunto com alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, é um ação que vem sendo realizada, uma vez por mês, desde setembro de 2015 quando do lançamento do Projeto ReFaz, pelo Ministério Público, com a parceria da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, através da Pró-Reitoria de Extensão/PROEX/UERN. A Pró-Reitoria de Extensão/UERN realizou uma reunião, em setembro de 2015, na Sala dos Conselhos momento no qual houve a participação de várias instituições locais, bem como de vários setores da UERN quando foi feito o convite a quem desejasse participar ofertando um projeto dentro do projeto guarda-chuva do Ministério Público. Em decorrência do convite, a Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas Propôs o Projeto Terça Musical em História de Vida em Música, Teatro e Desenho inicialmente, que seria às terças feiras, mas que, em decorrência da necessidade de ajustes de horários ponto de vista da equipe executora e das atividades do Complexo Penal Estadual Agrícola Dr. Mário Negócio, optou em deixar aberto, sem indicar o dia da semana.

Ao reafirmar o compromisso social da universidade como forma de inserção nas ações de promoção e garantia dos valores democráticos, de igualdade e desenvolvimento social, a

ação se coloca como prática acadêmica que objetiva interligar a universidade, em suas atividades de ensino, com as demandas do dia a dia da sociedade como um todo. Sem dúvida o diálogo com a comunidade, o olhar atento para as barreiras da vida permitirão a troca e compartilhamento entre os saberes e fazeres, pois provocará a participação da comunidade acadêmica na construção de ações, com vistas ao atendimento às diferenças.

O princípio do compromisso social e educacional é central na ação. Projeto social se constrói com a participação dos sujeitos, forjada pelos sujeitos na construção social com o outro e em sua realidade prática. A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte cumpre seu papel social e compromisso no resgate da dívida do longo tempo de exclusão de sujeitos submetidos ao silêncio. Implica ainda o imperativo de uma análise crítica da realizada, um olhar de estranhamento e de desnaturalização dos ambientes de modo a fomentar ações inclusivas, e, ao mesmo tempo, provocar novas necessidades para o desenvolvimento individual e coletivo. Essa missão encontra-se compatível às novas exigências sociais e educacionais que de uma instituição de ensino superior e da proposta da educação para o século XIX.

Dessa forma, diante de um novo modo de fazer educação, em que a informação, o conhecimento, a sensibilização para o outro, o aquecimento das energias para a superação e quebra de barreiras, a partir de todos e todas é fundamental. O saber acadêmico, aliado ao olhar para o cotidiano, bem como para o espaço de presídios, no caso dessa ação, possibilitará a geração de singularidades que desembocam em novos modos de produzir, em ações concretas. É nesse espaço que deve se inserir as atividades dos docentes, dos discentes, e dos técnicos administrativos através da institucionalização da inclusão e da diversidade universitárias, na busca de contribuições que efetivamente conduzam à melhoria da qualidade de vida dos apenados.

Discutir com foco a temática de presídios e apenados é de extrema importância, pois apesar de hoje existir muitas leis que asseguram as pessoas privadas de liberdade em sua inserção à educação, não é bem isso que encontramos em todos os lugares, onde as barreiras atitudinais e até mesmo a falta de conhecimento, fazem com que as pessoas em presídios sejam pensados como um público não inserido na questão da educação pública.

Todas essas assertivas justificam a importância da proposta neste projeto de ação para aquecer as discussões e ações sobre o tema na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como também fortalecer a participação constante da UERN em eventos, ministrando os conhecimentos relativos a este campo de conhecimento tanto dentro da instituição como na

sociedade. Vem demonstrar o interesse da UERN pela construção de um ambiente inclusivo, tanto internamente dentro da academia, quando na sociedade em geral.

A ação tem como enfoque o qualitativo, com levantamento bibliográfico e da Legislação Federal sobre o objeto de estudo. Rodas de música, em histórias de vida, de desenhos e de teatro. Faremos registros escritos, fotográficos e Narrativas de vivências, ensino e formação. A Metodologia da História Oral vai de encontros com a voz dos sujeitos da ação, possibilitando à escutar de suas narrativas, a respeito das dificuldades enfrentadas no seu cotidiano, sobre seus maiores problemas no contexto físico, os aprendizados, desafios e superações que encontram no dia a dia.

Serão realizadas análises crítico reflexivas das narrativas dos sujeitos da pesquisa sobre as suas trajetórias de vida no presídio. Realizaremos estudos, leituras individuais/grupos e debateremos sobre os saberes e fazeres em presídios. Analisaremos de maneira crítica-reflexiva as narrativas e os relatos dos apenados.

A ação será realizada no Presídio Estadual Agrícola Dr. Mário Negócio, situado na cidade de Mossoró. Faremos roda de música, organização de peças teatrais e rodas de elaboração de desenhos e contação de histórias de vida em grupos focais de 40 apenados do regime semiaberto. Na roda de música, e contação de histórias de vida, faremos, de forma intercalada, a cada música uma narrativa de história de vida. Após cada narrativa teremos reflexões sobre os limites, as dificuldades, as possibilidades do exercício das situações a partir da troca de experiências entre as histórias de vida. Participarão da ação profissionais da área da Licenciatura em Música, da Pedagogia, da Licenciatura em História, do Curso de Direito. Após cada história, embalada pela música e o corpo em movimento, teremos um momento de reflexão sobre as histórias de cada um em desenhos. Cada apenado desenhará uma situação escolhida dentro de sua trajetória de vida com destaque a mais significativa, considerando o que a ação poderá repercutir de forma a permitir uma mudança de vida após o cumprimento de sua pena. As histórias de vida repercutiram em ensaios de peças teatrais.

## **Os escritos como fonte potencial de interpretação da memória e do eu na memória dividida**

Este artigo intitulado, *O passado como experiência viva do eu no presente: desafios da memória dividida nos escritos de apenados* nasce da experiência de dois anos e meio do projeto Histórias de Vida em Música, Teatro e Desenho, destinada ao espaço prisional no Complexo Estadual Agrícola Dr. Mário Negócio de Mossoró. Optamos para este artigo

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

identificar os desejos, as escolhas e as oportunidades do passado repercutindo no presente nas narrativas orais e escritas dos quarenta apenados participantes do referido projeto. Percorrerá um diálogo em Thompson (1992) ao propor estudos sobre a Memória e o Eu e Portelli (2002) em suas lições de perceber a memória dividida a partir da leitura sensível das histórias de vida de sobreviventes de um massacre, o senso comum<sup>1</sup>.

Na Memória e o Eu, Thompson (1992, p. 197) afirma ser toda percepção humana subjetiva, mas que a fonte oral nos permite desafiar essa subjetividade, pois tem a condição de “deslocar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras na perspectiva de desvendar as memórias ocultas”. A condição de ouvir, escutar, falar, purgar, escrever dos apenados no lugar presídio, penetrar no mais profundo de sua intimidades, seus pavilhões, lugar onde dormem, comem, pensam, articulam, resistem, não é possível através de uma estrutura lógica exterior e nem pela imaginação de quem deseja escrever sobre manicômios, presídios e conventos, essas instituições totais nos termos de Goffman (2001). As palavras orais ou escritas dos apenados nos oferecem a mistura de resistência e de liberdade; de confiança e de dúvida; de ilusão e de desilusão; de querer e não querer; de acreditar e não acreditar, mas de vontade de continuar fora dos ditames da rua, das armadilhas de suas próprias construções.

É, com a mesma convicção, um escape, uma fuga, um alívio da memória seletiva, organizativa, reminiscência que a música, o teatro e o desenho, com oficinas realizadas no referido projeto demonstra que a história de vida narrada e escrita, em seus textos, produzidos durante as roda de encontros, emergem uma fraqueza fortaleza e contem os silêncios significativos que produziram e produzem as referências e superações dos estigmas.

Thompson (1992) nos permite perceber os sentimentos, quando ao deixamos de lado teorizações abstratas, o mundo material para concentrarmo-nos nos sentimentos a respeito do passado e nas relações entre as pessoas. Traz à tona sentimentos subjacentes por meio do confronto direto com membros da família, com relatos orais dos próximos. Nessa direção, a memória e o eu, para o referido autor revela complexidades de, emoções contraditórias, de amor e de ódio entrelaçados, típicas de relacionamentos íntimos.

Por sua vez Portelli (2002) aponta a relação da memória dividida entre a memória institucional e a memória da história narrada e escrita pelo poder e a memória dos sujeitos comuns. Uma memória que comemora a fortaleza dos instrumentos de dominação e de controle do sistema prisional, uma memória que se quer sobrepor como uma verdade como

---

<sup>1</sup> Consideramos as reflexões sobre as histórias orais de sobreviventes em Portelli (1996) como criada e preservada pelo homem comum. Reporto-me aos escritos do referido estudiosos quando aborda os sobreviventes do Massacre de Civitella Val di Chiana, Toscana, em 29 de julho de 1944).



uma prática de perfeição desenvolvida pelo sistema prisional, organizado e eficiente para controlar e regularizar as histórias de vida e as táticas de correção para a vida dos apenados. Como sistema que elabora o que será necessário para a punição do crime. Por outro lado a memória preservada pelos apenados, por seus filhos, esposa e familiares focada na perda, no luto, nas lacunas pessoais e coletivas. Para Portelli essa memória acusa a memória da instituição como responsável por suas culpas e deslizes; por suas insalubridades e seus dispositivos de vida de errantes no mundo e com o mundo.

Essas duas memórias estão em constantes embates e rivalidades para validar seus esforços não só do ponto de vista das ideias e pensamentos, mas efetivamente física, de acordo com os estudos de Portelli sobre o massacre de Civitella Val di Chiana, na Toscana em 1944 uma vez que a memória da resistência sobre o massacre violava as memórias e percas dos sobreviventes. Com igual pertinência os apenados e seus familiares responsabilizam o sistema prisional por violar suas memórias, aos disciplinar o corpo dos apenados sob suas regras e normas desconhecendo suas possibilidades e capacidades de sentir a ausência dos laços familiares. A memória oficial está mais interessada na verdade que escrevem e dizem do que na memória dos que dizem, pensam e sentem seus encarcerados. O que discutimos aqui é o fato de se considerar como prática diária o desconhecimento da memória dos que para os sistema são levados do que suas vozes com a devida seriedade de ouvir, escutar o que podem dizer sobre as regras, normas e prescrições das quais são o objeto da prática.

Thompson (1992), tratando da ligação entre memória e identidade, enfatizam ser através da memória, que indivíduos podem recuperar suas histórias de vida interrompidas, por processos históricos, ocasionados por traumas históricos vividos. A opção, pela discussão teórica com esses autores, vem a propósito, para este estudo, pois ao levantarem a história de pessoas em situação de “margem”, aproximam-se da análise de processos sociais no cotidiano, no micro de suas possibilidades, enfeixando o comportamento dos indivíduos em seu contexto cultural. Por meio dessa relação de reciprocidade agonística temos a história daqueles submetidos aos subterrâneos da história, em cena, que, embora em meio aos condicionamentos da estrutura, traçaram, em compartilhamento com outros sujeitos da relação social, um tempo e lugar das vontades de um grupo, no caso os apenados. Outro aspecto é, ao se buscar a história do homem em seu cotidiano, através da memória, mediante a incorporação dos pequenos acontecimentos da vida cotidiana, temos a memória como reveladora de realidades que foram violadas pelos documentos escritos, nos temos de Thompson (1992). Em vista disso, esse indivíduo é aquele que, em grupo, não hierarquizado, luta em meio à lógica de um Estado interventor de suas relações familiares, quando vai lutar

os órfãos do seio de suas tradições e, nesse momento, seguindo outro caminho, estes fundamentam suas ações em valores tradicionais, solidários e comunitários.

Thompson (1992) alerta para a importância da memória colaborando para a reconstrução do mundo social de pessoas submetidas às classes sociais mais elevadas como empregados, copeiros, jardineiros. É o trabalho de libertação da memória, as sutilezas da memória informando como as pessoas atuam na realidade e, o que é “tipicamente reprimido está tipicamente presente” (Thompson, 1992, p. 205). Então a possibilidade da memória efetuar um trabalho de rompimento mesmo quando expressa apenas sentimento, terá sido, por si só, positivo muito mais quando defende que recordar a própria vida é fundamental para o sentimento de identidade tendo a memória reminiscência o poder transformador.

Por discutirmos as narrativas orais e escritas dos apenados com base na memória do cotidiano da experiência em presídios; da criação de uma comunidade de pertença dentro de uma comunidade, cujos elementos eram estranhos aos seus (valores, costumes, memória); de conseguir, esse grupo, amparar sua memória pertença em meio a um universo simbólico que fortaleceu o laço social através de símbolos afetivos impregnados na alma; de aguçar, em meio à memória-saber do Estado, a memória *ethos* para manutenção de sua identidade e dignidade disseminadas durante a *liminaridade*, prescreveu-se como necessário ampliar, o estudo, com a cooperação de outras portas interpretativas.

### **O passado e o eu no presente como desafio à memória dividida**

Podemos compreender mais daquilo que não é dito quanto uma nova sensibilidade desencadeada na prática da educação das sensibilidades, a capacidade de perceber o que pode ter faltado afirma Thompson (1992). A ausência das lembranças pela da repressão nas narrativas orais, nas narrativas escritas, aprender a estar atento àquilo que não foi dito, escrito, considerar os silêncios, as lacunas, as falhas no escrito, no falado. O referido autor diz que é preciso um ouvido mais perspicaz para as sutilezas da memória, da comunicação mais do que a chave de um quarto secreto. O que está tipicamente reprimido também está tipicamente presente, continua Thompson.

Vamos trabalhar com uma carta escrita por um apenado para sua mãe. Pedimos em uma das oficinas que escrevessem para alguém de sua família e denominamos a atividade como Carta do Perdão. A atividade foi realizada no dia 20 de novembro de 2017, durante o período da tarde. Alguns sabiam escrever, outros não. Em decorrência fomos escribas dos que não estavam, ainda, alfabetizados. Optamos pela Carta de Perdão do apenado que pediu para

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

ser chamado de Céu, pois nos disse que quando pequeno sua mãe mostrava-lhe o céu cheio de estrelas em noites limpas. Céu nos disse que gostava de contar as estrelas para esperar se nascessem verrugas como diziam os mais velhos. Lágrimas vieram aos seus olhos no momento da escrita. Nos escritos de Estrela vimos que ele sentia vontade de lutar e de renovar suas esperanças, a despeito de ter passado muitos dias no pavilhão sem querer sair para não se deparar com o céu estrelado. Ao perguntarmos a razão de não querer utilizar os momentos de abertura dos cadeados do pavilhão ele me disse que sentia raiva e culpava sua mãe por o ter estimulado a contemplar o céu. Leiamos o dito pelo apenado

:

Todas as noites de dias não chuvosos minha mãe levava todos os filhos para fora de casa. O céu estrelado era para a minha mãe como uma mensagem de Deus sobre seu poder de ter criado o céu e a terra. Minha mãe dizia que nós chegaríamos ao céu se estudássemos e praticássemos coisas boas. Ela dizia que o estudo era tudo na vida. Matriculava todos os anos os filhos na escola. Eram oito irmãos, mas eu fingia que ia para a escola e no caminho fugia para conhecer outras coisas. Eu tinha vontade de ver o mundo como era, as ruas, o comércio. Eu queria chegar como uma estrela ao céu. Para mim era tudo chegar ao céu era ficar importante. Tenho raiva disso porque não consegui chegar a essa conquista. O céu que encontrei foi a polícia. Eu nunca disse isso a minha mãe e tenho vontade de dizer, mas ela vai se sentir culpada e eu sou culpado porque ela nunca me ensinou a roubar. Minha mãe saía todos os dias para trabalhar catando papelão nas ruas (Narrativa de Céu, Mossoró, 2017).

Por meio da narrativa de Céu e da escuta dos seus relatos percebemos que liberta seu ódio por sua mãe e fala, mas conseguiu compreender com a purgação, com a libertação do que estava preso em sua memória, em seu ressentimento que sua mãe não era culpada de ter estimulado os filhos a perceber o céu comparando-o como um lugar de chegada ao sucesso. Da sua forma a mãe de Céu queria estimular os filhos a buscar longe suas possibilidades de viver outra vida diferente da que vivia e que criava seus filhos. As dificuldades do dia a dia, embora tomasse o dia e as horas de sua mãe ela ainda tinha tempo de ser carinhosa e procurar estimular os filhos a outra vida. Céu disse que dos oito irmãos três se formaram. Um em pedagogia, um em enfermagem e outra irmã em matemática. Céu diz que seu pai foi um ausente e que ele presenciava, com muita inquietação, seu pai roubar o dinheiro que sua mãe guardava dos papelões que catava e vendia. Vejamos os escritos de Céu.

Nunca vi meu pai como um pai, porque um homem que rouba a própria mulher não merece ser respeitado. Eu tinha dez anos quando



comecei a ver essas coisas dentro de casa e fui para o mundo, com raiva de tudo. Eu aprendi a roubar com meu pai e a pensar que a vida era fácil. Meu pai nunca trabalhou. Ele vivia uma vida folgada de bebida, mesa de bar e com mulher enquanto minha mãe trabalhava o dia todo. Eu via isso dentro de casa e fui me acostumando mesmo que eu não gostava por que ele fazia isso com minha mãe, mas fui me acostumando com a vida que eu pensava que era fácil (Narrativa de Céu, Mossoró, 2017).

Entre o amor e o ódio Céu externa seus sentimentos de confusão em seu dilema entre o exemplo de mulher trabalhadora em sua mãe e o exemplo de homem desocupado em seu pai. A base recebida foi uma mistura entre o que era certo e o que era errado e que ele provou fora de casa suas consequências. Céu se reporta, agora aos 22 anos, ao ter sido preso pela primeira vez, ao que chamamos de memória ressentimento. Do pai e da mãe uma mistura de verdade vivenciadas por ele nas lições da rua, lugar preferido para se refugiar das sua consciência que de um lado dizia que não era a vida certa e de outro lado abria-lhe o apetite estar no mundo sem regras e normas. Agora, no pavilhão do presídio, privado do que considerava ser uma vida boa e livre, percebe as lições de sua mãe como o caminho certo e se afoga em peso da consciência. Mais uma vez Céu nos narra e escreve em seu texto da Carta de Perdão sobre o lugar presídio. Em depressão, Céu ressent-se do mal causado por seu pai e por ele próprio a sua vida e compara o dia a dia no presídio como um pai desamoroso, desinteressado e frio. Aprisionado na alma pela forma severa como é tratado por agentes encontra-se com o perdido por não ter seguido os ensinamentos de sua mãe e não ter se formado como três dos seus irmãos. Sintamos os escritos de Céu:

Esse lugar é frio. Frio por que as paredes são úmidas, sem sol que entre por uma janela para iluminar nossos quartos separados por panos e frio por que as pessoas que trabalham aqui vê agente como sem recuperação. A gente aqui é como uma coisa, como um animal, como um troço qualquer. O poder é grande, tão grande que temos que dizer o que eles querem que agente diga. A ordem é deles. O que eles querem é feito. Tenho até medo de responder quando os agentes perguntam alguma coisa para não errar. Penso sempre no que vou dizer para acertar no que eles querem ouvir. É muito ruim isso (Narrativa de Céu, Mossoró, 2017).

Na escuta de Céu e na leitura do que escreve, nos seus escritos através de textos ou mesmo de seus desenhos percebemos a libertação da memória, identificamos as força das lembranças e sentimentos poderosos. Quando escrevem sobre a família, sobre o pai, sobre a

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

mãe, sobre os filhos choram e, ao mesmo tempo, odeiam o sistema que os recolhe e que os deixa sem poder dizer o que pensam, com limitação de tempo para as relações de convívio quando estabelecem um tempo curto para as visitas e, às vezes, por alguma insubordinação nos pavilhões suspendem tais visitas. Disse-nos e escreveu Céu:

Vocês professores aqui é quando podemos falar o que sentimos, mas temos até medo de falar o que não devemos. Eu confio em vocês porque são professores não é? Sei que professores são aqueles que querem ensinar. Os dias que vocês vem aqui é como um alívio. Até esquecemos das dores e do sofrimento, mas quando vocês vão embora não sabemos o que vai acontecer (Narrativa de Céu, Mossoró, 2017).

Como diz Portelli (2002), que é uma falha da historiografia nunca ter considerado as vozes, o senso comum com a devida seriedade. Dizemos, para esta pesquisa, que as vozes dos sujeitos privados de liberdade, o ressentimento narrado e escrito não é só um conjunto de palavras soltas, vazias, mas é algo mais do que isso. Compreendemos forças de oposição presentes nos escritos e nos diferentes tipos de relações interiorizados nos apenados. Fica exposto formas de dominação, de subordinação e de insubordinação que acompanham os apenados em seus dias de pertencimento ao lugar presídio, aquelas que fazem história e memória. O ressentimento, o medo, o ódio, a frustração, o desengano e a esperança são como um impulso à transformação das realidades. Emergem sensibilidades questão sensível para a compreensão das relações entre os afetos e desafetos entre o ser e o não ser, entre o pertencer e o não pertencer, entre a sociedade, o Estado, a família.

## **Considerações**

Neste artigo trouxemos pela via das narrativas orais e escrita, pelo caminho dos textos dos apenados do Complexo Estadual Agrícola Dr. Mário Negócio de Mossoró, a experiência do Projeto Histórias de Vida em Música Teatro de Desenho para refletirmos sobre *O passado como experiência viva do eu no presente: os desafios da memória dividida nos escritos de um apenado* para compreender os desejos, as escolhas e as oportunidades do passado repercutindo no presente. Por meio dos seus escritos e seus narrados de ressentimentos, a memora ausência, a memória do não dito, a memória dividida entre o poder, o fazer e o sentir abriu espaço para a purgação e o reconhecimento. O conflito interior foi menos um ponto de chegada do que de partida. Percebemos o ressentimento da desobediência na voz de Céu por

(83) 3522.3222

não ter escutado os conselhos de sua mãe e o ressentimento de um sistema prisional que os trata como coisa. Os detalhes das narrativas e impressas nos escritos saem de questões materiais para sentimentos e emoções que levam à narrativas com tom forte de humanização pela dor, pela perda, pelo luto em consequência das falhas cometida e em sua repercussão de impedimentos na vida. As escolhas, os desejos e as oportunidades construídas e perdidas ao longo da vida permitem mudanças na compreensão sobre a responsabilidade com a vida e a contribuição em levarmos a sério o senso comum que confere a essa memória relacionada ao passado com experiência viva e repercussão no tempo presente.

Com a mesma pertinência trouxemos um diálogo com os saberes em espaços prisionais possível pelas vozes e escritos dos apenados considerados como impossibilidades pelo sistema e pela sociedade que os estigmatiza pelo crime cometido, pune as famílias e se esquiva da responsabilidade sem perceber potencialidades no processo de ressocialização. As atividades realizadas dentro do cronograma de atividades do Projeto Histórias de Vida em Música, Teatro e Desenho elenca um repertório de dimensões reveladoras das possibilidades do dizível enquanto estimulado considerado indizível pela visão classificatória e mecânica como os apenados são pensados pela instituição.

## Referências

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: **Memória e (RE) sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Stella Bresciani e Márcia Naxara (Org.) São Paulo: Editora Unicamp, 2001.

Freire, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.

Goffman, Erving. **Manicômios, Prisões, Conventos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões, Conventos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

Portell, Alessandro. O Massacre Val di Cjiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política e seso comum. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

THOMPSON, E. P. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.



**III CINTEDI**



(83) 3322.3222  
contato@cintedi.com.br  
**www.cintedi.com.br**